

**INFLUÊNCIAS DO SUPORTE NA ESCRITA EM AMBIENTES VIRTUAIS  
E NO DIA-A-DIA ESCOLAR: uma análise comparativa entre alunos  
da escola pública e da escola privada**

Aguinaldo Gomes de Souza (FAINTVISA)  
Eduardo Paulo Monteiro de Carvalho (FAINTVISA)  
Gilberlande Pereira dos Santos (FAINTVISA)

### 1. Considerações Iniciais – da pesquisa

Na nossa sociedade, de acordo com o gênero e com o discurso, a escrita cumpre inúmeras funções, afetando nossa maneira de pensar, nossa interpretação e nossa produção de texto. Na elaboração de textos como um todo, os diversos propósitos vão delimitando as escolhas de gêneros. Se ao escrevermos vamos adequando o discurso ao interlocutor cumpre pensar que o gênero determina o discurso. É impossível pensar na idéia de gênero sem levar em consideração a idéia de comunidade, sem levar em consideração a idéia de que um gênero nasce de uma necessidade cultural, cada gênero possui um padrão comunicativo e se define como objeto da comunicação. Toda alteração cultural implica alteração comunicativa, a escrita no meio eletrônico traz para o primeiro plano a relação entre a fala e a escrita.

Partindo da premissa: com a internet surge uma nova forma de produção e recepção da escrita, é que traçamos uma caminhada em relação ao uso da escrita na internet e suas conseqüências na produção da escrita em sala de aula, mas no tocante ao uso do português padrão apregoado pela gramática normativa e pelas Escolas no Brasil.

Nosso campo de pesquisa foi limitado a alunos do ensino fundamental entre 14 e 18 anos oriundos da região metropolitana do Recife-PE, pertencentes a escolas privadas e públicas. Analisamos, através dos textos dos mesmos, se estes estavam levando para a sala de aula as mesmas escritas utilizadas na internet.

A pesquisa foi dividida em duas fases: na primeira fase, aplicamos um questionário socioeconômico o qual visava separar 05(cinco) sujeitos que acessavam à internet com freqüência. Após isso, houve coleta de materiais produzidos por alunos de escolas privadas, como: textos publicados em *blogs*, listas de discussões, salas de *chats* entre outras formas de comunicação *on-line* bem como coleta de textos produzidos em sala de aula para comparação. Foi nesta fase da pesquisa que tomamos embasamento teórico nas de: Marcuschi, Koch, Chartier e na teoria enunciativa de Bakhtin. Na segunda fase da pesquisa, repetimos o procedimento feito na primeira fase, desta vez com coleta de textos de alunos de escola pública que também acessavam com freqüência a rede internet. Buscamos com isso identificar o nível e o grau da escrita usada na internet no dia-a-dia escolar.

	Questionário sócio-econômico	Coleta virtual	Coleta sala de aula	Comparação virtual X sala	Comparação escola publica X escola privada
ESCOLA PÚBLICA					
ESCOLA PRIVADA					

**Tabela 01 – Procedimento Metodológico**

## 2. Uma Discussão acerca dos Suportes

É o suporte<sup>I</sup> um determinante do gênero? Ou o gênero determina o suporte? O ponto de partida aqui parece ser a dúvida. A idéia difundida por vários autores Marcuschi (2003) Chartier (1997) Maingueneau (2005) é de que todo gênero tem um suporte. Porém, a distinção entre gênero virtual e suporte não é fácil e por vezes permeia uma certa ambigüidade entre ambos.

O método de análise adotado, a percepção que o sujeito tem do que é um suporte, do que é um gênero, envolvem questões relevantes que traem na sua própria insciência as conclusões, o método por si, só confessa a percepção do sujeito que toda conclusão só se pode ser na medida em que o *ser* se faz sentir e refletir sobre o objeto, daí a análise do que é suporte ou do que é gênero virtual ser sempre ambígua. A ambigüidade então resulta do ponto de vista e do fim-uso de quem analisa.

O que será preciso concluir sobre suporte? Será que isso comprometerá a idéia que temos de gêneros virtuais? Dizer que um *blog* é um gênero é dizer que o texto contido naquela ferramenta possui certas características de estilo que as diferencia de outros textos. O estudo da natureza do suporte tem vital importância para superar modelos pré-categorizados e noções simplificadas sobre gênero virtual. O que é um *chat*? É uma ferramenta<sup>II</sup> computacional, utilizada na internet, que possibilita diálogos em tempo real.

Pensar no que seja suporte nos ajuda a perceber como se processa a escolha e a produção do gênero por parte do sujeito. Dizer que o suporte é o espaço físico e material onde um gênero se situa, como por exemplo, um livro, um *folder*, uma bula de remédio, um jornal ou um computador, é vago e ambíguo. Ambíguo no sentido em que quando trazemos essa teoria para o universo cibernético caímos em equívoco. Um programa mensageiro seria um suporte ou um gênero? Um *blog* seria um suporte ou um gênero? O *e-mail* seria um suporte ou um gênero? É para esse problema de conceituação que nos remeteremos. De antemão, sabemos que o suporte não é neutro perante o gênero, existe uma relação estreita entre eles.

“(…) Isto quer dizer que nós não operamos do mesmo modo com os textos em suportes diversos, mas isso não significa ainda que os suportes veiculem conteúdos diversos para os mesmos textos. O suporte não muda o conteúdo, mas nossa relação com ele, não só por permitir anotações, mas por manter um contato diferenciado com ele” (MARCUSCHI, 2003)

O gênero é sempre identificado na relação com o suporte, tal fato nos faz pensar que existem gêneros apropriados aos mais variados suportes e que cada suporte dá ao gênero uma expressividade determinada. Essa expressividade determinada se refere à forma do suporte e ao gênero suportado; desse modo, a linguagem contida nos gêneros virtuais está diretamente relacionada ao suporte. Mudando-se o suporte, muda-se o gênero; o suporte é fator determinante para o estilo, e quando há estilo, há gênero<sup>III</sup>.

Levando-se em consideração o sistema sobre o qual o gênero é produzido, poderemos atentar e compreender melhor a natureza do gênero e suas diversas formas típicas. Por não levar em consideração o sistema, muitos caíram no engano de até mesmo rotular como dicotômicos alguns gêneros. Ora, como dizer que um bate-papo é semelhante a uma conversa face-a-face se ambos possuem naturezas diferentes? Tão diferentes que sua natureza primária pode ser isolada e analisada de forma única. Quando se subestima a relação do suporte com o

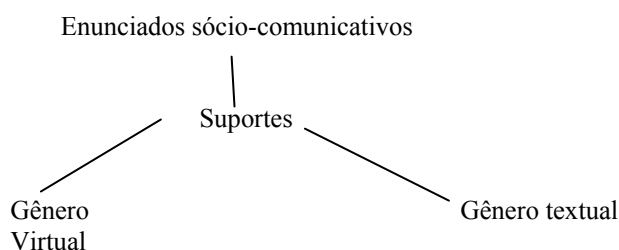
<sup>I</sup> Utilizamos aqui o termo *suporte* para designar qualquer material capaz de receber e conservar a inscrição de um texto, contudo essa descrição é vaga e por hora não nos deteremos a esgotá-la. Os gêneros aqui tratados são os criados pela nova mídia, a internet, utilizaremos no decorrer de nossas investigações a palavra ‘gênero’ para nos referirmos a gêneros virtuais.

<sup>II</sup> Chamamos ferramentas todo e qualquer programa computacional. Chamamos "Programa" toda instrução legível por máquina, seus componentes, dados, conteúdo audiovisual (imagens, texto, gravações ou figuras) que cumprem determinada tarefa.

<sup>III</sup> Remetemos o leitor a Bakhtin, *Estética da criação Verbal*, 1997.

gênero, não se pode compreender o gênero. Os gêneros são enunciados sócio-comunicativos definidos pelo suporte através de composição e estilo. Conforme Marcuschi (2003),

Constituem uma listagem aberta, são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações tais como: sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, notícia jornalística, horóscopo, receita, (...), cardápio de restaurante, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, e-mail, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.



**Figura 1:** Suporte e a formação dos enunciados

A indeterminação sobre o que é gênero e o que é suporte em um determinado ambiente, tende a constituir um estado de coisas, que aqui chamamos de indeterminismo, capaz de gerar confusões e incertezas sobre tal ambiente. Na falta de uma teoria sobre o suporte virtual, resta conceber o gênero como sinônimo do mesmo. Contudo, ao dar o gênero à mesma nomenclatura de suporte, indiretamente anulamos o segundo.

Não há gênero sem suporte. Com essa premissa chegamos a um critério: é preciso distinguir gênero virtual de suporte virtual. O que estamos expondo aqui, longe de esgotar o problema do suporte, o torna mais complexo e sua relação com o gênero mais significativa. Sendo assim, vamos conceber, conforme Marcuschi (2003), o gênero virtual como homonímia do suporte, tanto na origem como na função. Sobre suporte também vale salientar que o mesmo é diferente de um canal, um meio ou um veículo.

#### **Quadro 1:**

Conceituação do suporte virtual e interdependência entre ele e o gênero.

	Suporte	Gênero
Principais características	Determinante Modifica o gênero Não é neutro Diferente de canal Diferente de meio	Identificado através do suporte Mudando suporte muda o gênero Enunciados sócio-comunicativos Possui características de estilo Tratado como homonímia

<b>Suporte estático</b>	<b>Gênero</b>	<b>Suporte virtual</b>	<b>Gênero virtual</b>
<i>Papel</i>	<i>carta</i>	<i>e-mail</i>	<i>e-mail</i>
<i>Livro didático</i>	<i>diversos</i>	<i>site</i>	<i>Diversos</i>
<i>Revista (semanal/mensal)</i>	<i>notícia</i>	<i>Chat</i>	<i>Chat ou bate-papo</i>
<i>Quadro de avisos</i>	<i>notícia</i>	<i>Programas mensageiros (msn, icq etc)</i>	<i>Chat ou bate-papo</i>
<i>Outdoor</i>	<i>publicidade</i>	<i>Mirc.</i>	<i>Chat ou bate-papo</i>
<i>Encarte</i>	<i>publicidade</i>	<i>Blog</i>	<i>Blog</i>
<i>Folder</i>	<i>publicidade</i>	<i>Livro de visitas (guest book)</i>	<i>Livro de visitas</i>
<i>Faixa etc.</i>	<i>publicidade</i>	<i>Agenda eletrônica</i>	<i>Agenda eletrônica</i>

**Tabela 2 – Principais Suportes - Não são dicotomias**

Há uma grande indefinição sobre o que é um suporte ou um gênero virtual e por isso não podemos nos perder na exaltação ou na simples definição de uma noção que agora nos escapa. Temos aqui a idéia de que um *chat* ou um *blog* ou um programa mensageiro, antes de serem gêneros virtuais, são suportes. De qualquer modo, ainda não esgotamos o problema do suporte virtual, fato que deverá ser aprofundado em outra oportunidade. Por ora, vamos abstrair a discussão conceitual sobre o que seria gênero virtual e o que seria suporte virtual, já que este não está nos propósitos de nosso campo de análise e tomaremos como conceito-chave e premissa maior que um *chat* ou *blog* sejam um gênero e nos voltaremos para algumas hipóteses que aqui serão perseguidas de forma mais significativa, tais como o espaçamento da escrita e a cognição.

### 3. Sobre a Cognição e sua Implicação nos Suportes

O cognitivo ao qual nos referimos diz respeito às formas de representação, tratamento e processamento da informação. É o ato ou processo de conhecer, que envolve atenção, percepção, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem.

Um dos pilares básicos da ciência cognitiva é de que o homem representa mentalmente o mundo interagindo nele. Essa representação ocorre de forma complexa e autônoma utilizando-se, para isso, vários connexionismos. Quando se fala em cognição se fala em memória; vários estudiosos da cognição entendem assim a memória:

<b>Memória de Curto tempo (MCT)</b>	<b>Memória de Longo Tempo (MLT)</b>	<b>MCT + MLT</b>
Responsável por estímulos visuais e auditivos retidos por 250 milésimos de segundos	Conhecimento representado de forma permanente. Assemelha-se a uma base de dados	Interação e formas de escolhas

Quando o sujeito está diante de uma informação ou situação qualquer, a MCT é ativada e por sua vez ativa a MLT. Por ocasião dessa ativação há uma série de processos desencadeados como: processamento, retenção, manutenção, ativação, busca, etc. Nossas ações, linguagem e pensamento repousam sobre esses dois pilares, isso explica o fato de nunca fazermos a mesma tarefa da mesma forma. Como por exemplo, escrever um texto.

As tecnologias da escrita são instrumentos das práticas sociais, atuando na organização e reorganização de saberes, essa condição inclui estímulos diferentes sobre o pensamento, não determinando, mas condicionando processos cognitivos e discursos em prática e em uso. O uso

de uma ou de outra tecnologia acarreta ao indivíduo capacidades singulares de escrita, contudo, devido à ativação e reativação da MCT e MLT, quando o sujeito muda de tecnologia, muda a forma de representação na memória, inferindo conhecimentos e escolhas sobre atos mais adequados a cada uma. Também temos que levar em consideração, na hora em que esteja buscando-se explicação para CMC, o papel do espaço da escrita. Soares (2002) citando Bolter (1991), assim se expressa sobre o tema: "é o campo físico e visual definido por uma determinada tecnologia de escrita".

Assim e de acordo com o primeiro objetivo do trabalho, anteriormente exposto, a primeira análise dedicou-se a comprovar se na produção escrita na sala de aula havia marcas das escritas encontradas em ambientes virtuais; essa comparação foi feita tomando por base a análise estrutural/ortográfica encontrada em ambos os ambientes, bem como a análise semântica / pragmática.

Ao verificar a produção escrita de um grupo heterogêneo que possui acesso à rede internet com média diária de mais de quatro horas, constatamos que os textos produzidos através de uma escrita em um determinado suporte tende, de certo modo, a influenciar outras produções em outros suportes; essa influência não é significativa a ponto de comprometer a estrutura textual em si, ou seja, quando o indivíduo muda de suporte, muda a forma de produzir a escrita.

“Uma modificação do suporte material de um texto modifica radicalmente um gênero do discurso (...) O texto é inseparável de seu modo de existência material: modo de *suporte/transporte* e de *estocagem*, logo de *memorização*” (MAINGUENEAU, 2005 p. 68)

Um texto é um reflexo de uma consciência que demonstra algo como dado primário de uma realidade. Sua compreensão acarreta um dialogismo, porém decorre de uma ordem de estratégias cognitivas não explícitas no texto. Essas estratégias interacionais visam fazer com que não ocorra fracasso na interação. “Pode-se dizer que, para o processamento textual concorrem três grandes sistemas de conhecimento: o lingüístico, o enciclopédico e o interacional.” (KOCH, 2002 p.48)

Um texto necessita de um contexto para ser entendido. Um texto tem um interlocutor e esse interlocutor para compreendê-lo utilizando estratégias cognitivas que o fazem prever e até mesmo antever o real significado do enunciado. Se considerarmos que todo enunciado é dotado de sentido e que esse sentido nasce na interação entre sujeitos e que todo ato comunicacional é realizado através de um meio, devemos considerar que o suporte tem grande influência nesse meio. “O sentido de um texto, qualquer que seja a situação comunicativa, não depende da estrutura textual em si.” (KOCH, 2002 p. 30). Sendo assim, não é de se estranhar que um texto qualquer produzido em CMC<sup>IV</sup> seja facilmente entendido por sujeitos que estejam interagindo em dado momento. A isso chamamos antecipação e seleção de contexto. Mesmo que esse texto não utilize certos códigos padrões de uma determinada língua.

É de se estranhar, porém, que um determinado código utilizado em determinado texto criado em determinado suporte esteja interferindo em outro texto. O suporte revoluciona e modifica a natureza de um texto, foi assim com os inscritos em argila, papiro, papel e é agora com a informática. Uma tecnologia não pode ser vista como uma nova forma de se fazer o que já se fazia.

---

<sup>IV</sup> Os denominados *bate-papos virtuais* em tempo real (*on-line*) são também chamados *chats*. No decorrer deste trabalho estamos utilizando as expressões *chats* e *CMC* (*Comunicação mediada por computador*) como sinônimo de bate-papo virtual ou bate-papo em tempo real e vice-versa. Existem muitos sistemas que produzem conversação em tempo real na rede internet. Os mais populares hoje em dia são o *MSN Messenger* e o *IRC* (*Internet Relay Chat*). Alguns sites na internet possuem salas de bate-papo em tempo real para seus usuários, são variações apenas nas formas operacionais, contudo as formas de produção textual nesses ambientes praticamente não variam.

#### 4. A Escrita e os Gêneros Textuais

É impossível pensar na idéia de gênero sem levar em consideração a idéia de comunidade e de que um gênero nasce de uma necessidade cultural. Cada sujeito, em determinada comunidade, utiliza um gênero em detrimento de outro justamente porque o gênero como artefato cultural serve de instrumento para a comunicação. “O gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada.” (BAHKTIN, 1997 p. 312).

A diversidade de gêneros existentes está em consonância direta com a diversidade de usos da língua. Sendo, pois, o gênero matéria pelo qual o discurso é originado cabe pensar que a diversidade funcional de cada gênero os tornam comuns a outros gêneros. Em outras palavras: os gêneros pertencem a uma mesma natureza.

De acordo com Bakhtin (1997 p. 285) “Em cada época do seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros do discurso.” No século XXI, a língua escrita em tempo real via CMC é a afirmativa inequívoca desta confissão de Bakhtin, nunca em nenhuma outra época da humanidade o gênero secundário incorporou tantos elementos do gênero primário. Isso se deve, em sua grande maioria, ao fato de que tal escrita como elo comunicativo é dirigida a alguém que está presencialmente, de forma virtual, esperando por uma resposta. É o que chamamos de diversas formas de se referir a alguém. Ter um destinatário que espera uma resposta imediata via sistema escrito tende a fazer com que o autor/emissor da mensagem a envie com o menor intervalo de tempo possível, isso para que a comunicação possa fluir de forma natural.

Há diversas formas de se referir a alguém. Quando se analisa a comunicação como um fenômeno extralingüístico, como estamos fazendo agora, ao afirmarmos que a não corporeidade tende a fazer com que haja uma pressa despercebida no envio de mensagens de texto, cabe uma reserva, a qual chamamos aqui de *atos extralingüísticos*. São atos extralingüísticos tudo aquilo que é alheio à língua, mas que na língua exerce um papel que explica o *uso de* um em *detrimento de outro*. Erickson (2000 *apud* Marcusch, 2004) assim define sua noção de gênero com base na qual observa-os no ambiente virtual:

“Um gênero é um padrão de comunicação criado pela combinação de forças individuais, sociais e técnicas implícitas numa situação comunicativa recorrente. Um gênero estrutura a comunicação ao criar expectativas partilhadas acerca da forma e do conteúdo da interação, atenuando assim a pressão da produção e interpretação.”

Se retomarmos a afirmativa de Erickson, podemos concluir que os gêneros são frutos de inter-retro-relações entre um meio físico (suporte), um uso específico e uma comunidade. Se levarmos em consideração a idéia de comunidade, perceberemos que toda comunidade possui sua linguagem peculiar, e que elas divergem de si entre forma, regularidade e tecnologia. Toda comunidade utiliza certos sistemas de linguagens que as caracterizam. Esse sistema de linguagem *retórica* se produz em todos os níveis da linguagem, também na linguagem escrita, se produz de forma não intencional e sem interrupção.

Essa propagação de uma linguagem em prejuízo de outra se dá através do grau de exposição do sujeito com essas formas. Uma comunidade virtual se caracteriza com base em afinidades de interesses, de conhecimento, independente da aproximação física ou geográfica. Não devemos confundir comunidade virtual com comunidade na acepção tradicional da palavra. Ao nos referirmos à comunidade virtual estamos, *a priori*, referindo-nos a um conjunto de pessoas que comungam de uma mesma intenção, independente de onde estejam. No ciberespaço<sup>V</sup> uma comunidade nasce através da escrita. A escrita é a base para todo o tipo de inter-relação na internet.

---

<sup>V</sup> Ao nos referirmos a ciberespaço estamos nos referindo ao meio, análogo a um espaço físico, em que seres humanos interagem.

A escrita abriu uma série de capacidades dentro da comunicação, antes desconhecidas das sociedades orais. Graças a ela é possível interpretar uma mensagem produzida a quilômetros de distância ou há séculos, do sujeito que a emitiu.

## 5. Algumas Considerações Pertinentes

A língua penetra na vida através de enunciados constitutivos e estes por sua vez determinam a inter-relação que o sujeito pratica com a língua. A concepção de sujeito aqui adotada é a de sujeito interacional<sup>VI</sup>, a partir da qual são vistos como atores, construtores sociais, sendo o texto lugar deste constructo. Assim, ao adotar essa postura, dizemos que o constructo é fator determinante da interação, sendo responsável até mesmo pela construção do sentido do texto, e de seus diversos gêneros.

O que se diz está diretamente ligado às escolhas que fazemos, todo ato comunicacional, seja ele oral ou escrito, é feito através de escolhas, decidimos usar este ou aquele modo de dizer algo, em detrimento de outro, exatamente porque fazemos escolhas, a escolha das formas é feita com base no contexto, no meio e no interlocutor. Assim, ao usar uma linguagem em ambientes virtuais carregada de marcas da oralidade<sup>VII</sup>, o sujeito que a produz está também adequando seu discurso ao meio. Adequar o discurso ao meio não é nenhuma novidade, basta lembrar da linguagem dos telégrafos, que dificilmente era compreendida por aqueles que não a dominavam. Deste modo, o escrever não é e nem pode ser considerado como uma atividade motora, mas um ato de conhecimento complexo; assim, seria equívoco falar que a linguagem produzida em ambientes de interação virtual esteja carregada de erros ortográficos, pois ao mudar o suporte pelo qual a escrita é produzida, muda-se a forma de se produzir esta escrita.

A língua é ao mesmo tempo parte integrante, produto e veículo da cultura e na cultura se desenvolve. Tomando o conceito de cultura na sua acepção literal temos que cultura seja um conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva. Esse conjunto complexo de códigos e padrões faz nascer, em certo sentido, um conjunto de paradigmas que se convertem e formam uma outra cultura. A cultura escrita nas salas de bate papo *on line* é fundamentalmente um exemplo disto.

A escrita produzida em CMC não é uma escrita carregada de erros ortográficos, já que o erro ortográfico mostra que o aprendiz da língua está realizando uma etapa de conhecimento dessa língua, está formulando uma hipótese sobre o sistema escrito dessa língua. Consideramos que a escrita produzida em CMC é uma escrita que *transgride* a regra estabelecida pela Gramática Normativa em vigor nas escolas e essa *transgressão* mostra apenas que o aprendiz já domina tal sistema, sendo capaz até de reinventar esse sistema. Essa distinção de erro e transgressão nos ajuda a evitar confusões futuras entre norma e uso.

Nesta pesquisa, procuramos averiguar, pois, se os alunos estão levando para a sala de aula traços corriqueiros da escrita na internet – *considerado pelo senso comum como linguagem transgressora da norma* - e como a produção da escrita em ambientes virtuais interfere na produção textual dos mesmos.

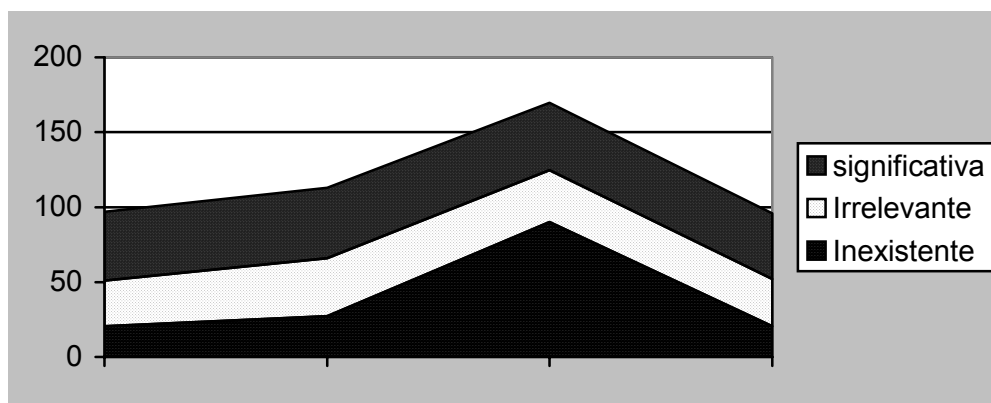
É notório que existe uma relação estreita entre o meio físico e visual da escrita e o espaço de veiculação; esse espaço está diretamente ligado ao uso de tal forma que leva à aquisição de uma estrutura diferente.

Observemos alguns resultados obtidos através das análises do *corpus* de nossa pesquisa:

---

<sup>VI</sup> Mais uma vez remetemos o leitor a Bakhtin - Estética da Criação Verbal, 1997.

<sup>VII</sup> As oposições: oral e escrito, aqui não são consideradas dicotomias, uma vez que oral e escrito são atividades singulares definidas e explicadas por meios e modelos diferentes. Não constituem uma representação da outra.



**Vestígios de uso de escrita de internet nos textos coletados em sala**

Podemos observar, a partir do gráfico acima, que as inter-relações entre a escrita usada na internet (meio virtual) e a escrita das produções escolares (meio real) não se configuram relevantes no sentido de merecerem cuidados especiais por parte de profissionais da área; refletem apenas o que já foi frisado em outras passagens, o meio exige formas diferentes de uso da modalidade escrita, sem mudança do sistema.

Para análise dos textos nas diferentes tecnologias existentes, foram considerados os espaços da escrita e os meios de produção dessa escrita – o texto produzido por um sujeito que possui acesso diário a rede internet é diferente de um texto produzido por um sujeito que não possui tal acesso, essa diferença mostra-se mais visível na sintaxe e na ortografia.

Existe uma relação estreita entre o meio físico e visual da escrita e o espaço da escrita; esse espaço está diretamente ligado ao uso de tal forma que leva à aquisição de uma estrutura diferente.

## Referências

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CHARTIER, R. (1997) A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP.
- ERICKSON, Thomas.(2000) Making Sense of Computer-mediated Communication (CMC): Conversations as genres, CMC Sustems as Genre Ecologies. In the Proceedings of the Thirty-Third Hawaii International Conference on Systems Science. (ed. J. F. Nunamaker, Jr. R. H. Sprague, Jr.), January. IEEE Press.
- KOCH, I.G.V.(2002). Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez.
- MAINGUENEAUD, D. (2005). Análise de textos de comunicação. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio.(2003) A questão do suporte dos gêneros textuais. Recife: UFPE/CNPQ.
- \_\_\_\_\_.(2004) Hipertexto e gêneros digitais.Rio de Janeiro: Lucerna.
- SOARES, Magda.(2002) Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educ. Soc. [online]. dez. vol.23, no.81 [citado 13 Junho 2006], p.143-160. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0101-7330